

| 1163 | O TURISMO COMUNITÁRIO NA FAVELA SANTA MARTA: PERSPECTIVAS SOBRE O PROGRAMA RIO TOP TOUR NO CONTEXTO EUFÓRICO DO RIO DE JANEIRO PACIFICADO

Fernanda Caixeta Carvalho

Resumo

A atividade turística nas favelas cariocas tem se tornado cada vez mais abrangente e significativa, acompanhando um movimento globalizado de intensificação do consumo turístico de “produtos” diferenciados e exóticos. Embora seja ainda um tema controverso, estes locais tem atraído recentemente investimentos cada vez maiores por parte do poder público e da iniciativa privada, voltados a projetos de urbanização e estruturação turística. A presente abordagem pretende relacionar estas relevantes discussões que já vem sendo realizadas com a recente inserção do conceito de Turismo Comunitário neste contexto, por meio do programa *Rio Top Tour*; e suas possibilidades de aplicação à prática turística de algumas favelas do Rio de Janeiro. Como estudo de caso, pretende analisar a atuação do referido programa na Favela Santa Marta (Botafogo – RJ), à luz das recentes transformações proporcionadas pela nova política de segurança pública do Estado do Rio de Janeiro, baseada nas Unidades de Polícia Pacificadora (UPP’s), em um contexto de grandes incentivos ao turismo e a projetos de renovação urbana.

Palavras-chave: Turismo Comunitário; Favela Santa Marta; Rio Top Tour.

Introdução

As favelas cariocas são, praticamente desde sua origem, alvo da curiosidade de estrangeiros e *outsiders*. Mas é a partir da década de 90 que a atividade turística tem se tornado cada vez mais abrangente e significativa nestes territórios, acompanhando um movimento globalizado de intensificação do consumo turístico de “produtos” diferenciados e exóticos. Embora seja ainda um tema controverso, estes locais tem atraído recentemente investimentos cada vez maiores por parte do poder público e da iniciativa privada, voltados a projetos de urbanização e estruturação turística.

Consciente da tendência do surgimento de efeitos não desejados deste tipo de atividade em locais ainda carentes de infraestrutura básica e qualidade de vida adequada a seus habitantes, como da acentuação das contradições e assimetrias decorrentes da mercantilização de seu espaço e da confrontação entre culturas e interesses díspares envolvidos, este trabalho toma como objeto de análise a realização desta atividade seguindo os princípios do Turismo Comunitário. O Turismo Comunitário se apresenta como potencial alternativa para a condução de um processo de empoderamento da comunidade receptora desta atividade em relação ao seu próprio desenvolvimento, conduzindo a estados de

autonomia sobre seus destinos. Segmento cuja literatura desenvolvida na última década, embora recente, já se encontra em fase de consolidação, pode ser observado em práticas pelo mundo com a denominação de Turismo Comunitário, e no Brasil, principalmente através da Rede Turisol (Rede Brasileira de Turismo Solidário e Comunitário), que referencia diversas práticas pelo território brasileiro.

A presente abordagem pretende relacionar esta relevante discussão que já vem sendo realizada com a recente inserção do conceito de Turismo Comunitário no contexto da atividade turística nas favelas cariocas, por meio do programa *Rio Top Tour*; atuante na favela Santa Marta (Botafogo - RJ). O Turismo Comunitário é, idealmente, fortemente apoiado no fortalecimento e valorização das comunidades receptoras por meio de sua afirmação cultural, e a toma como importante instrumento de estímulo a iniciativas de organização comunitária para a conquista de seus objetivos. Sua prática tem se dado em pequenas comunidades, em áreas com características rurais, sendo que sua aplicação em comunidades como as favelas mencionadas, que se encontram essencialmente imbricadas no contexto de uma grande cidade com claros projetos de atração de investimentos e crescimento de visibilidade por meio do turismo, como o Rio de Janeiro, levantará uma série de questões mais complexas que, espera-se, venha contribuir para ampliar as experiências nesta área de estudos. Desta forma, a discussão a ser realizada deverá ainda relacionar os aspectos territoriais simbólicos e materiais, aqui considerados essenciais e transformadores de toda a dinâmica desta temática, e analisar a (re) produção deste espaço físico em função da atividade turística, assim como sua influencia sobre as práticas sociais e econômicas presentes.

Este artigo é parte da pesquisa de dissertação de mestrado da autora, que se encontra em andamento, e como metodologia, tem sido realizadas entrevistas em profundidade com diversos atores envolvidos em projetos nas comunidades, relacionados com a atividade turística e os recentes projetos de intervenção em favelas, com foco no estudo de caso da favela Santa Marta, local de atuação principal do programa *Rio Top Tour*.

1 - A prática turística nas favelas e seu contexto no Rio de Janeiro

Com a segmentação pós-fordista da atividade turística, acompanhando os padrões de consumo pós-modernos, locais marginalizados e periféricos tem se tornado, cada

vez mais, destinos muito procurados por turistas em busca de conhecer outras culturas, principalmente aquelas consideradas “exóticas” e diferentes.¹

Muito tem sido discutido sobre a produção da atividade turística nas favelas cariocas. Bianca Freire-Medeiros, socióloga autora de *Gringo na Laje: Produção, circulação e consumo da favela turística* (FGV Editora, 2009), tem realizado significativos trabalhos sobre a prática e as motivações do turismo nestes espaços, juntamente com outros pesquisadores de sua equipe. Uma delas é Palloma Menezes, cuja dissertação de Mestrado aborda as tentativas de implantação do turismo no Morro da Providencia, onde houve a tentativa de criação de um museu a céu aberto pela Prefeitura do Rio de Janeiro em 2005. Menezes analisa o processo de transformação da favela em patrimônio e destino turístico, frente às dificuldades de implementação do projeto devido à violência gerada pelos constantes conflitos existentes na favela entre o tráfico local e a polícia. A intenção de patrimonialização do Morro da Providência previa o “ineditismo do tombamento de uma área de especial interesse social como patrimônio histórico e cultural, tornando-se um marco definitivo, comprovador de que as favelas integram o desenho urbano do Rio de Janeiro” (Petersen apud Menezes, 2008).

Freire-Medeiros publicou diversos trabalhos referentes à produção da imagem da favela turística, à circulação da favela como *trademark*, à patrimonialização deste espaço, com a abertura de museus, às motivações e expectativas dos turistas contemporâneos, e, no caso da Rocinha, pesquisou o ponto de vista dos moradores, por meio de entrevistas e questionários, levantando aspectos sobre a complexidade das relações estabelecidas entre os atores envolvidos na atividade turística. A autora afirma que “rotular o turismo na favela como ‘zoológico de pobre’ é tomar sua complexidade conceitual como algo falsamente redutível. É preciso observar todas as ambigüidades que envolve – que não são poucas” (Freire-Medeiros, 2007, p. 69). Freire-Medeiros e Menezes também realizaram pesquisas no Morro da Babilônia e no Morro dos Prazeres, em relação às tensões entre agentes internos e externos pelo controle da organização dos *tours*; E no Morro da Serrinha, com ênfase em seus projetos culturais. Há referências da atividade turística também nas comunidades de Pereira da Silva (com implantação de pousada), e Vila Canoas, que oferece hospedagem familiar (Omena, 2009), estratégia valorizada pelo Turismo de Base Comunitária. O Complexo da Maré também tem sido referência de projetos culturais de ampla inserção e divulgação.

¹ Este movimento pode ser melhor entendido por meio do conceito *pós-turismo*, de John Urry (1990), que dialoga com as transformações da pós-modernidade discutidas também por Harvey (1992).

Camila Moraes (2010), turismóloga responsável pela implementação do Projeto Turismo no Museu de Favela, no complexo de favelas Pavão, Pavãozinho e Cantagalo, em 2010, publicou trabalho sobre sua experiência nestas comunidades, analisando a relação entre Turismo e o Museu, e processos de afirmação cultural da comunidade. Moraes afirma que o desejo do MUF é ser um museu que represente todas as favelas do Rio de Janeiro. Para este projeto foi elaborado um convênio com o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) e com a UNIRIO para a criação de um curso de capacitação de moradores, organização de visitas e elaboração de roteiros nas favelas. Atualmente, o Programa *Rio Top Tour*, experiência que busca seguir os princípios do Turismo Comunitário, da Secretaria de Turismo do Estado do Rio de Janeiro, atuante há quase dois anos na favela Santa Marta, também possui um posto de atendimento aos turistas e está em diálogo com a comunidade deste complexo, embora sua entrada na comunidade ainda não tenha sido bem aceita.

As recentes transformações decorrentes da atual política de segurança pública, de implantação das Unidades de Polícia Pacificadora para retomada do controle territorial em favelas estratégicas, trazem novas situações e perspectivas de análise para estas práticas turísticas nas favelas cariocas. O principal interesse das UPP's é o controle do território. O discurso que sustenta esta política expõe claramente sua preocupação em dar condições para que a cidade do Rio de Janeiro se prepare para receber os futuros megaeventos previstos, tendo começado sua atuação na Zona Sul, na favela que serve de caso para este estudo. A escolha de começar pela Santa Marta se deu por diversos fatores, entre eles a necessidade de sucesso desta primeira intervenção, que contaria com a facilidade de ser um território menor e com poucos acessos. Além, claro, da visibilidade e localização privilegiada deste morro. É uma política com metodologia definida e capaz de ser implantada em outros lugares posteriormente (como Zona Oeste e Baixada Fluminense), sendo que existe um decreto que determina a permanência desta política pelo menos até 2016.

Nas últimas décadas, concomitantemente à idealização do turismo como estímulo para uma revitalização urbana, tem se difundido modelos desenvolvimentistas baseados em políticas e projetos culturais (Vaz, 2001, 2003 e 2004). O que tem se observado, porém, é que esta lógica tende a reproduzir, muitas vezes, casos de fragmentação territorial, que culminam em uma concentração de investimentos arbitrária e descontextualizada, ineficientes na produção de relações de apropriação dos espaços por seus habitantes, inclusive forjando e prejudicando, por vezes, as relações existentes, contribuindo, ao contrário do que se previa nos discursos utópicos, para um aprofundamento das

desigualdades existentes, dos processos de gentrificação, e de uma estrutura urbana deficiente.

Observa-se que a atividade turística já se encontra consideravelmente consolidada em algumas favelas do Rio de Janeiro, principalmente naquelas localizadas na Zona Sul ou próximas ao Centro, áreas mais nobres e turísticas da cidade. Porém suas práticas e seus efeitos se encontram entremeados em um contexto complexo de produção de uma cidade e de uma imagem de cidade em plena euforia desenvolvimentista, que investe pesadamente em grandes projetos de urbanização, revitalização e “extinção” de conflitos, com vistas a atrações de investimentos e megaeventos, enquanto parte significativa de sua realidade apresenta infraestrutura bastante precária e processos muitas vezes ilegítimos na busca de soluções.

2 – O Turismo Comunitário como uma alternativa para a conquista de autonomia e participação comunitárias

O turismo já é, atualmente, reconhecido pelas esferas pública e privada como instrumento capaz de trazer desenvolvimento. Porém, o simples reconhecimento dos valores econômicos gerados pelo turismo se mostra potencialmente perigoso, já que os efeitos causados em determinado local dependem da forma como ele é produzido, quem está no controle da gestão da atividade e quem se beneficia desta. É comum as políticas voltadas para este fim negligenciarem as esferas sociais, culturais e ambientais, acentuando profundamente as desigualdades e assimetrias existentes.

Em reação ao turismo convencional, potencialmente desagregador, tem sido proposto um conceito alternativo de turismo, o Turismo Comunitário, ou de Base Comunitária, que pressupõe a participação e autonomia da comunidade no processo de desenvolvimento e gestão da atividade turística e na preservação de seu patrimônio natural e cultural.

Alguns princípios se configuram como estratégias para este desenvolvimento comunitário do Turismo, que Coriolano (2008) estabelece como sendo: i) das necessidades sentidas, o que quer dizer que as iniciativas locais devem partir das necessidades percebidas pela própria comunidade; ii) da participação, que requer um envolvimento comprometido da população; iii) da cooperação, que não dispensa parcerias possíveis com iniciativa privada ou a participação pública; iv) da autosustentação, no sentido de prevenir os efeitos perversos

de possíveis transformações econômicas e socioespaciais provocadas por interesses externos; e v) da universalidade, que propõe a expansão do foco local para o êxito da população em sua globalidade.

De acordo com o Projeto Bagagem, uma ONG com projetos que fazem parte da Rede Brasileira de Turismo Solidário e Comunitário (Turisol, que reúne iniciativas que seguem essas propostas em diversas partes do Brasil):

“Turismo Comunitário é a atividade turística desenvolvida com base nos princípios da transparência, conservação e participação, onde a principal atração é o modo de vida da população local. O objetivo é beneficiar prioritariamente os moradores, que são gestores e proprietários dos empreendimentos turísticos, valorizar a cultura e contribuir com a preservação do meio ambiente. Trata-se de uma alternativa de renda que complementa atividades tradicionais já praticadas e seu processo de planejamento e implementação deve acontecer com a liderança e intensa participação da população, fortalecendo as associações e cooperativas locais e viabilizando projetos comunitários.” (PROJETO BAGAGEM, 2009)

A Turisol estabelece 11 princípios ou temáticas principais para o Turismo Comunitário, baseados em pesquisa feita junto a seis organizações que já trabalham com as suas próprias definições: Associação de Moradores da Prainha do Canto Verde, Instituto Terramar, Associação de Agroturismo Acolhida na Colônia, Associação Projeto Bagagem, Cooprena Costa Rica e REDTURS. Estes princípios estão relacionados no quadro abaixo, juntamente à referida organização formuladora:

Princípios	Descrições
<p>1) Produto turístico ou atração turística é o modo de vida</p>	<p>A principal atração turística é o modo de vida da comunidade, ou seja, sua forma de organização, os projetos sociais que faz parte, formas de mobilização comunitária, tradição cultural e atividades econômicas. (Projeto Bagagem).</p>
<p>2) Turismo é instrumento para o fortalecimento comunitário e associativo</p>	<p>“A atividade só é viável quando construída sobre uma base associativa, ou seja, o sucesso individual está condicionado a sustentabilidade do ambiente que o cerca.” (Acolhida na Colônia).</p>

<p>3) Participação - a comunidade é proprietária, gestora e empreendedora do trade turístico local.</p>	<p><i>“Somos conscientes de que el turismo puede representar una fuente de oportunidades y, a la vez, una amenaza para la cohesión social de nuestros pueblos, su cultura y su hábitat natural. Por ello, propiciamos la autogestión de dicha actividad, de tal suerte que nuestras comunidades asuman el protagonismo que les corresponde en su planificación, operación, supervisión y desarrollo.” (REDTURS).</i></p>
<p>4) O turismo é uma atividade complementar a outras atividades econômicas já praticadas</p>	<p><i>“El turismo debe complementar apropiadamente nuestra economía comunitaria y familiar, potenciando el desarrollo de la agricultura, la pesca, la artesanía, la pequeña agroindustria, el transporte y otros servicios. En esta óptica, queremos explorar todas las iniciativas productivas sostenibles que contribuan con el desarrollo económico local e generen empleo nuevo y de calidad en nuestras comunidades y en su entorno.” (REDTURS).</i></p>
<p>5) Distribuição justa do dinheiro e transparência no uso dos recursos</p>	<p><i>“Geração e distribuição de renda eqüitativa, praticando preços justos, satisfazendo comunidade e turistas, além de promover a distribuição da renda entre os moradores locais.” (Instituto Terramar).</i></p>
<p>6) Valorização cultural e afirmação da identidade</p>	<p><i>“As atividades são criadas para proporcionar intercâmbio cultural e aprendizagem ao visitante. Não se trata de apresentações folclóricas da cultura popular, e sim de atividades que fazem parte do cotidiano que o turista vai experimentar. Estamos falando de reconhecer o valor dos mestres da cultura oral no turismo e proporcionar uma reflexão sobre a própria identidade no visitante.”</i></p>

	(Ação Griô Nacional e Projeto Bagagem).
7) Relação de parceria e troca entre o turista e a comunidade	“O turista é visto como um parceiro e não como um cliente.” (Acolhida na Colônia).
8) Questão fundiária - o turismo auxilia na luta pela posse da terra pela comunidade	“ <i>Promueve la tenencia de la tierra por parte de los pobladores locales.</i> ” (Cooprena Costa Rica)“. A maioria das comunidades que já fazem parte da rede no Brasil usam o turismo comunitário como instrumento para defesa dos direitos à propriedade da terra.” (Prainha do Canto Verde).
9) Conservação e sustentabilidade ambiental	“O turismo respeita as normas de conservação da região e procura gerar o menor impacto possível no meio ambiente, contribuindo com os projetos de manejo sustentável de recursos naturais, recuperação de áreas degradadas, utilização de energias renováveis, educação ambiental e destinação de resíduos sólidos.” (Projeto Bagagem).
10) Cadeia de valor focada no desenvolvimento das comunidades - todos os elos da cadeia contribuem	“Cooperação e parceria entre os diversos segmentos relacionados ao turismo de base local e deste com outras localidades com realidade semelhante e com potencial para a formatação de novos produtos e serviços.” (Instituto Terramar).
11) Organização e normatização	“Desenvolvimento de princípios e critérios para normatizar e regular os empreendimentos e processos turísticos atendendo a necessidade da base local.” (Instituto Terramar).

Quadro 1 – Princípios do Turismo de Base Comunitária²

² Quadro retirado da monografia da autora, apresentada em 2009 ao Instituto de Geociências da UFMG.

O turismo desenvolvido de acordo com estes princípios, e como forma de complementar as atividades econômicas locais, parece ser capaz de trazer benefícios para a comunidade em que é praticado, se convertendo assim em potencial instrumento de fomento a um justo desenvolvimento local. Sugere-se que os movimentos sociais de base, com fortes vínculos comunitários, representam os verdadeiros atores do processo. Essa abordagem pressupõe incluir os membros da comunidade em ações participativas.

Existe, entretanto, uma polêmica discussão sobre as atuações de “outsiders”, tais como ONGs, instituições multilaterais ou mesmo a gestão pública, serem capazes de definir legitimamente o que é melhor para as comunidades. De acordo com Sally Mathews (2004), estas instituições devem abandonar uma política tipicamente *top-down* (verticalizada) e estabelecer uma rede de apoio às iniciativas comunitárias. Assim, é reiterada a necessidade de olhar para o “local”, e atuar como agente indutor ou mediador da mudança social desejável pelos membros da comunidade, sem ignorar que aquele âmbito está inserido em um contexto comum mais amplo.

3 - Estudo de Caso: O Programa *Rio Top Tour* e o Turismo Comunitário na Favela Santa Marta – Rio de Janeiro (RJ)

3.1 – Apresentação da favela Santa Marta

O Morro Dona Marta fica localizado no bairro de Botafogo, na cidade do Rio de Janeiro, e tem sua origem no início do século XX, quando um devoto de Santa Marta levou uma imagem da mesma para o alto do morro. Na década de 1930, foi construída uma capela para abrigar a imagem. O terreno pertencia ao vizinho Colégio Santo Inácio, que passou a permitir que alguns de seus funcionários morassem na encosta do morro, dando origem à atual favela. A comunidade tem 54.692 metros quadrados e cerca de 4.800 moradores e 1370 residências. Seus limites são bem definidos, apresentando poucas possibilidades de expansão territorial. Desta forma, sua expansão se dá pelo adensamento das casas e seu crescimento vertical, apresentando construções com até cinco pavimentos.

A favela era fortemente controlada pelo tráfico desde os anos 80, e foi a primeira a ser ocupada por Unidade de Polícia Pacificadora (UPP), inaugurada em 19 de dezembro de 2008. O Fórum UPP Social, que marca oficialmente a instalação do programa, foi realizado em 27 de outubro de 2011. De acordo com a Secretaria de Segurança Pública do Estado, o

território não é mais dominado pelo tráfico e diversas ações estão sendo tomadas para promover a inclusão socioespacial da favela.

Pouco antes da ocupação, em maio de 2008, favela começou ser beneficiada pelo programa Estadual de Urbanização, no qual foram realizadas obras de infraestrutura, incluindo redes de esgoto, drenagem e distribuição de água. Foram realizadas também melhorias no sistema viário, pavimentação de áreas públicas, construção do plano inclinado, obras de contenção de encostas, construção de unidades habitacionais e melhorias de outras já existentes. A construção do plano inclinado tem importância especial para os moradores no que diz respeito à sua mobilidade, facilitando a vida da população local que precisa subir cerca de 1.300 degraus para chegar à parte alta da favela. No início de 2009 houve a instalação de uma rede de internet wireless gratuita no morro, para uso da comunidade. A companhia de energia elétrica Light entrou como responsável pelo investimento na renovação do sistema elétrico na região, e em 2011 a Cedae também começou a renovar o sistema de fornecimento de água.

A implantação da UPP em Santa Marta trouxe benefícios como diversos investimentos em infraestrutura, moradias, e melhorias de acessos e espaços públicos, como as já citadas neste artigo, parte do Programa Estadual de Urbanização. Além disso, crescem e ganham força as instituições atuantes na comunidade, como as escolas técnicas e ONG's. Com essas transformações, a abertura do território para os visitantes e população da cidade formal, e a atuação do poder público, formalizam-se os serviços de luz e água, por exemplo, aumenta a colaboração de impostos e taxas, e como não poderia deixar de ser, aumenta também o interesse pelas potencialidades da localidade e o valor imobiliário. Houve alguns protestos e denúncias em relação à atuação da UPP na comunidade, por parte dos moradores. Muitos alegaram que esta polícia também age com violência e autoridade desnecessárias. Porém não tiveram muita repercussão, já que para o contexto político atual do Rio de Janeiro, é mais interessante incentivar outro tipo de manifestação dos moradores, estas relativas a uma renovação do local, à sua valorização cultural e sua abertura ao turismo.

Segundo a ONG Visão da Favela Brasil, no início de 2012 houve a promessa de retomada das obras de urbanização da favela, paralisadas desde 2010, em virtude da concentração de esforços do governo estadual em socorrer as áreas prejudicadas pelas fortes chuvas no Estado do Rio de Janeiro. A Secretaria estadual de Obras, por intermédio da Empresa de Obras Públicas do Estado (Emop), pretende construir 64 unidades habitacionais,

que serão destinadas aos moradores das áreas de risco, e 225 residências receberão melhorias. Está prevista a construção de um centro comunitário de ação social e reflorestamento de áreas devastadas por ocupações irregulares.

3.2 - Projetos Culturais e Turísticos

A Favela Santa Marta tem recebido, principalmente a partir da última década, diversos projetos socioculturais, e sido palco de eventos que reúnem comunidade e moradores dos bairros circunvizinhos. Vários fatores contribuíram para o destaque da favela neste aspecto, entre eles, a localização privilegiada, com fácil acesso por uma das principais ruas do bairro de Botafogo, a São Clemente, a proximidade com o centro e os bairros da Zona Sul, o tamanho, relativamente pequeno, e com limites bem estabelecidos, e o pioneirismo da implantação da política de Unidades de Polícia Pacificadora (UPP's), que aumentou a sensação de segurança no território.

A Agência Olhares é um desdobramento da associação Olhares do Morro, projeto iniciado em 2002 na favela Santa Marta. Surgiu com o intuito de formar uma rede de correspondentes fotografando dentro de suas comunidades, base para uma futura agência alternativa, buscando formar jovens que se tornassem fotógrafos profissionais, e não apenas beneficiados por um projeto social. De 2002 a 2006, mantiveram as atividades no Santa Marta. Mas a profissionalização progressiva dos jovens, o ingresso de jovens oriundos de varias outras favelas (Rocinha, Vidigal, Pereira) criou a necessidade de se aproximarem do mercado, abrir um ateliê em espaço mais acessível para os clientes, colecionadores, editores de fotografia (o morro não era pacificado). A sede foi para o bairro da Lapa, também com o objetivo de encorajar a conquista e a circulação dos jovens em bairros diferentes. Porém o projeto encontra-se inativo desde 2008, devido a dificuldades de financiamento.

Outros projetos são relativos a festivais de jazz, de samba, à semana do funk e à arte grafite. O projeto Costurando Ideais incentiva a produção e comercialização de artesanato local. Recentemente foi aprovado um projeto de volta do Hip-hop Santa Marta, por meio do edital *Microprojetos Para Os Territórios De Paz*.

A roda de samba Morro de Alegria e o bloco de carnaval Spanta Nenem são também importantes manifestações atualmente. Começou nos primeiros anos do Bloco, com a forte presença de músicos da comunidade em ensaios e desfiles. Fortaleceu-se em 2009 com a criação da Escola de Música Spanta Neném, que hoje oferece aulas de música a cerca de 100 jovens da comunidade. Os professores da Escola de Música Spanta Neném são moradores do

Santa Marta. Também em 2009 foi criada a Oficina de Percussão do Spanta. Com isso, os foliões passaram a freqüentar o Santa Marta para terem suas aulas. Já o Morro de Alegria, roda de samba organizada pelo bloco Spanta Neném e que acontece na quadra da escola de samba do Santa Marta., surge com a intenção de estreitar ainda mais os laços entre o bloco, seus foliões e patrocinadores, com o Santa Marta, seus moradores e sua Escola de Samba.

Outro evento registrado é o Por do Santa, roda de samba que acontece sempre no primeiro sábado do mês na Lage do Michael Jackson, que serviu de cenário para a gravação do clipe do cantor em 1996. A Lage pertence à casa de dona Raimunda, reformada por um programa de televisão, é uma das principais atrações turísticas do local, assim como o mirante, localizado próximo à Estrada das Paineiras. Outros grupos e blocos de carnaval da cidade costumam realizar festas na quadra da favela. E diversas festas que antes ocorriam na Zona Sul da cidade também passaram a alugar o espaço, que tem potencializado uma imagem de atratividade. O Lajão cultural, de propriedade de um dos guias locais, também é um espaço alugado para eventos, porém estes têm sido mais voltados à própria comunidade. É importante ressaltar que os primeiros eventos citados não são muito frequentados pelos próprios moradores, já que seu preço não é muito acessível. Pode-se dizer que são eventos voltados essencialmente ao público da Zona Sul.

Alguns moradores do morro, ao perceberem um nítido aumento das visitas turísticas em seu espaço, realizado por diversas agências voltadas principalmente ao público estrangeiro, resolveram se organizar e também oferecer o serviço, de forma mais autêntica e compatível com suas expectativas. Assim nasceu o Tour Favela Santa Marta, que organiza sua divulgação por meio de um blog na internet, e oferecendo seus serviços a quem chega sozinho ao morro. Durante a alta temporada, relatam realizar tours com frequência quase diária, sendo que um roteiro com pernoite é realizado mensalmente. Quando há demanda, realizam eventos esportivos, oferecendo *downhill* de bicicleta (o ciclista sobe com a bicicleta pelo elevador da favela até a estação 5, segue até a UPP e de lá desce ladeira abaixo). O trajeto tem 2700 metros e termina na rua Assunção em Botafogo. Organizam também partidas de *Paintball*, em campo com vista privilegiada do Cristo Redentor e da Lagoa Rodrigo de Freitas.

Segundo tabela própria, os valores são:

“Conhecer a comunidade e toda sua historia local (Sem Guia Bilingue) = R\$ 30 reais p/ pessoa. Tour na Favela + Guia Bilíngue = R\$ 60,00 p/ pessoa. Conhecer a comunidade + Trilha Mirante Dona Marta = R\$ 50,00 p/ pessoa.

Conhecer a comunidade + Trilha Mirante Dona Marta + Almoço (bebidas a parte) = R\$ 60,00 p/ pessoa. Trilha Mirante Dona Marta (só trilha) = R\$ 20,00 p/ pessoa. Hospedagem na Favela = R\$50,00 diária p/ pessoa". (Tour Favela Santa Marta, 2012)

É nítida a diferença de preços em relação às visitas realizadas pelas agências turísticas. Entre as principais agências que realizam o passeio à Santa Marta, levantamentos preliminares apontaram as tarifas de R\$95,00 por pessoa, pela Jeep Tour, que possui guia próprio e alega não realizarem paradas para alimentação ou consumo na comunidade. A Rio Adventure, cujas informações em seu website se encontram estritamente em inglês, cobra de R\$90,00 a R\$120,00 pelo passeio, com duração também de 3 horas, porém com a promessa de visita a uma casa de família local e aos estabelecimentos locais (*street market*).

3.3 - O Programa Rio Top Tour

A partir da pacificação da comunidade, a Secretaria de Estado de Turismo, agora desmembrada da de Esportes e Lazer, lançou em agosto de 2010 o projeto piloto do programa *Rio Top Tour* na favela Santa Marta. Com a iniciativa, a comunidade ganhou placas informativas, além de treinamento de guias turísticos e monitores locais. O projeto prevê inclusão dos moradores como empreendedores do turismo.

O projeto reúne vários setores governamentais e tem o apoio do Ministério do Turismo e parcerias com a Investe Rio (agência de fomento do Governo do Estado) na aquisição de linhas de crédito para comerciantes e SEBRAE, na identificação de atividades econômicas e capacitação profissional. A Prefeitura do Rio ficou responsável pelo apoio logístico para a coleta de lixo, contenção de encostas e emissão de certificação para os moradores que participam do programa.

O projeto prevê a capacitação de moradores e comerciantes, por meio de um curso técnico em Turismo com a duração de dois anos oferecido no Colégio Estadual Antônio Prado Junior; programa de microcrédito, que vai de R\$ 300 a R\$ 6 mil por negócio; implantação de sinalização turística bilíngue; divulgação turística; placas informativas espalhadas por toda a comunidade; instalação de quiosque de informação na Praça Corumbá; e orientações de estagiários bilíngues. Após a capacitação, a Secretaria Estadual de Turismo dará o selo Amigo do Turista, identificando que o morador participou do projeto e está dentro dos padrões de qualidade para o turismo, seja como guia ou como comerciante.

Segundo relatos da coordenadora do programa, a elaboração deste se apoia nos princípios do Turismo de Base Comunitária. O plano é prestar auxílio na formação profissional dos moradores que se propõem a serem guias turísticos na comunidade, dar subsídios relativos ao material de divulgação e incentivar sua organização. Ao fim de dois anos de atuação na comunidade, o Programa migrará para outra localidade, e os moradores formados poderão continuar caminhando por conta própria, dando seguimento à sua auto-organização. Atualmente o Programa conta com seis guias moradores que estão quase completando sua formação, que realizam os tours e atendimento como auxílio de aproximadamente 20 estagiários do mesmo curso, mas não necessariamente moradores da comunidade.

Houve, neste ano, uma primeira tentativa de implementação do Programa nas comunidades de Pavão, Pavãozinho e Cantagalo, que, por sua vez, não tem aceitado bem a entrada dos estagiários do programa (não pertencentes à comunidade) no Morro, o que tem dificultado sua aceitação. Há um posto na entrada da favela, porém os estagiários apenas dão algumas orientações aos turistas que lá entram, não podendo guia-los pela favela. Há de se levar em conta que as comunidades em questão já estão, há algum tempo acostumadas com o movimento dos turistas, e que provavelmente já tem alguma organização própria, mesmo que informal, em relação ao recebimento e guiamento destes. Daí pode decorrer a desconfiança e dificuldade de diálogo com o programa governamental, que neste, caso, já chegou com uma proposta mais verticalizada, e com a presença de estagiários não moradores.

Há planos para expansão do Programa para o Morro da Providência, assim como nas comunidades Chapéu Mangueira/Babilônia, Tabajaras/Cabritos, Borel e Cidade de Deus. Os conflitos ou práticas existentes nestas comunidades devem ser levados em conta no planejamento do processo de implantação, pois podem gerar dificuldades ainda maiores de aceitação e trocas com esta iniciativa, que até o estágio atual da pesquisa, parece buscar formas de contribuir realmente, à sua maneira, para a formação profissional e participação autônoma de membros da comunidade na atividade turística local. Porém, por ser uma iniciativa institucional, seguindo por vezes uma postura mais verticalizada, pode gerar desconfianças por parte da comunidade, que está há bastante tempo buscando perceber as intenções que se encontram por trás da maior parte das iniciativas governamentais em projetos que abrangem seu território.

Conclusões

Tendo em vista o recente crescimento dos investimentos por parte do poder público em algumas favelas do Rio de Janeiro, não se sustenta mais o discurso de que estes espaços se encontram abandonados aos olhos do governo ou da cidade formal. Principalmente após o início da política de pacificações, visando oficialmente o controle territorial das favelas em questão, foi possível multiplicar a ação de projetos sociais, instituições do terceiro setor atuantes nas comunidades, e dos projetos de urbanização e de habitação que também puderam adentrar este espaço sem maiores impedimentos, ao contrário do que era alegado há algumas décadas atrás.

Parte significativa dos moradores enumeram as vantagens das melhorias que a nova política de segurança pública proporciona, embora outra parte atente para os percalços da formalização, que vai provocando processos sentidos de especulação imobiliária, de alta no custo de vida e de gentrificação. Alguns processos podem parecer ainda mais perversos quando observados em relação ao projeto de cidade que o Rio de Janeiro segue buscando. Alguns dos maiores projetos de urbanização observados prezam pelo impacto paisagístico, visando a valorização de uma imagem de segurança e atratividade ao consumo turístico e cidadão. Neste processo, algumas situações de risco são forjadas e muitas remoções, diretas ou brancas, são realizadas. A violência, assim como a pobreza, é desviada para outras áreas. Muitos problemas sociais, que antes faziam das favelas um enclave, são dessa forma “empurrados” a outros locais, e não completamente resolvidos.

Ao se comparar um mapa com as localizações das UPP's com outro com os locais dos maiores investimentos em equipamentos para os vindouros megaeventos, não há como não ver que as favelas pacificadas e turísticas são aquelas que estão próximas aos locais de investimento, pelos quais os turistas deverão passar e que deverão apresentar a imagem desejada do Rio de Janeiro. Ocupam parte do tecido formal mais valorizado do Rio de Janeiro, na Zona Sul e proximidades do Centro, ou das futuras instalações na Zona Oeste, além da proximidade com os percursos aos aeroportos, no caso do Complexo do Alemão, a caminho do Galeão.

Os olhares da cidade, do mundo e do poder público, e sua atuação, se voltaram para as favelas, e, sobretudo para seu potencial econômico e espaço valorizado que ocupam na paisagem e zoneamento do Rio de Janeiro. Diversas vantagens são apresentadas aos cidadãos por esses projetos, e, como de costume, uma minoria acaba alijada desta busca pelo

progresso. Além disso, as favelas e periferias fora do campo de visão turístico principal continuarão esperando sua vez de receberem os devidos investimentos.

Referências

FREIRE-MEDEIROS, Bianca. Gringo na Laje: Produção, circulação e consumo da favela turística. FGV Editora, 2009.

----- . A favela que se vê e que se vende: reflexões e polêmicas em torno de um destino turístico. Revista Brasileira de Ciências Sociais-Vol.22 nº 65, 2007.

----- . Favela como patrimônio da cidade? Reflexões e polêmicas acerca de dois museus. Escudos Históricos. Rio de Janeiro, n. 38, julho-dezembro de 2006, p. 49-66.

HARVEY, David. Condição Pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 1992.

MENEZES, Palloma Valle. Quando a favela se torna museu: reflexões sobre os processos de patrimonialização e construção de uma favela carioca como destino turístico. V Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL – SemintUR. Universidade de Caxias do Sul, RS, 2008.

MORAES, Camila. Turismo e o Museu de Favela: Um caminho para novas imagens das favelas do Rio de Janeiro. Revista Eletrônica de Turismo Cultural. Volume 04 – No. 01, 2010.

OMENA, T. TURISMUF – Turismo no Museu de Favela. Projeto Extensão. UNIRIO. 2009.

PETERSEN, Lu. Das remoções à Célula Urbana: evolução urbano-social das favelas do Rio de Janeiro. Cadernos de Comunicação da Prefeitura do Rio de Janeiro, 2003.

URRY, J. The tourist gaze: leisure and travel in contemporary societies. Londres, Sage Publications, 1990.

VALLADARES, L. A invenção da favela: do mito de origem a favela.com. Rio de Janeiro, FGV Editora, 2005.

VAZ, Lilian F. e JACQUES, Paola B. Reflexões sobre o uso da cultura nos processos de revitalização urbana. In: Anais do IX Encontro Nacional da ANPUR, UFRJ, Rio de Janeiro, 2001, pp. 664/674.

VAZ, Lilian. F. A cultura na revitalização urbana – espetáculo ou participação? In: Espaço e Debates, v. 23, nº 43-44, jan./dez. 2003, pp.129-140.

------. Planos e projetos de regeneração cultural: notas sobre uma tendência urbanística recente. In: CD-Rom Anais do VIII Seminário da História da Cidade e do Urbanismo, UFF, Niterói, 2004.

FAVELA SANTA MARTA TOUR. Disponível em:

<www.favelasantamartatour.blogspot.com/> [Acesso em: Fev. 2012]

UPP REPÓRTER. Disponível em:< http://upprj.com/wp/?page_id=42>.

[Acesso em: Fev. 2012]

UPP SOCIAL. Disponível em:<<http://www.uppsocial.org/>>[Acesso em: Fev.

2012].

VISÃO DA FAVELA BRASIL. Disponível em:

<<http://www.visaodafavelabrasil.com.br/lancamento-da-reurbanizacao-do-morro-santa-marta-17122012>>. [Acesso em: Fev. 2012]